

GERAÇÃO
Ramalho



EXPOSIÇÃO

GERAÇÃO
Ramalho

SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS . MUSEU DE OLARIA
09 abr. | 31 dez. '16

A arte e a cultura populares têm, em Barcelos, uma expressão única e de grande riqueza, formada na vida do seu próprio povo: o artesanato em barro.

Desta matéria prima apanhada da terra para sustento das famílias saiu o figurado de Barcelos, autêntica expressão artística das pessoas simples que saltou das rudes oficinas e do espaço rural do concelho, onde se confinava, para o infinito mundo urbano pela mão de intelectuais e artistas. Foi este o percurso feito por Rosa Ramalho, há pouco mais de 50 anos.

A notoriedade por ela alcançada depressa se estendeu a outros artesãos a quem, em pouco tempo, se atribuiu a designação de grandes mestres do figurado barcelense.

São estes mestres e as gerações que lhes sucederam a matéria do novo ciclo de exposições que o Museu de Olaria agora inaugura, em cumprimento da sua missão de preservação e divulgação desta expressão artística popular que é o figurado de Barcelos.

O ciclo “Gerações”, que se inicia com Júlia Ramalho, artista das novas gerações que muito tem contribuído para a afirmação do artesanato barcelense, vem mostrar o trabalho artístico desenvolvido pelos artesãos e estimular os mais novos na (re)descoberta do figurado e da olaria, no quadro de um mundo muito diferente daquele que os mestres artesãos deixaram moldado nas suas peças.

O Presidente da Câmara Municipal de Barcelos
MIGUEL COSTA GOMES

GERAÇÃO RAMALHO



O ofício/arte de vergar e modelar o barro à (des)medida imaginação dos barristas de Barcelos remonta tão longe como a profundidade das crateras esventradas na terra de onde os barreiristas extraem a sua matéria prima. Os barristas, de mãos ágeis e criatividade ilimitada, (e)laboram a reinvenção dos utensílios do quotidiano em brinquedos ingénuos e figuras candidamente maliciosas. Mas o Figurado é também essa outra arte de dimensão simbólica que exorciza mitos, lendas e medos, e eleva o artesanato em barro a uma dimensão bipolar que vagueia entre o divino e demoníaco. Passada de geração em geração, muitos foram os incógnitos artesãos que sedimentaram a Arte e dos quais a história dos homens não registou o nome. Todos eles, de uma forma ou de outra, contribuíram para a construção da identidade da região oleira de Barcelos, mas, provavelmente, nenhuma outra família deu tanto nome aos nossos barros como a Família Ramalho. (1)

A saga começou vai para mais de um século, quando Rosa Ramalho, a artesã de S. Martinho de Galegos, preteriu o ofício da mãe tecedeira e meteu as mãos no barro na casa de uma vizinha, iniciando aí, ainda criança, um modo de vida que, muitos anos mais tarde, levaria à descoberta da sua obra por determinados círculos académicos, processo que culminaria com a elevação do artesanato anónimo e pobre ao estatuto de arte com assinatura reconhecida.

Rosa, *Ti Rosa* para todos os que com ela privaram, fez bonecos de figurado sortido que vendia nas feiras, ao mesmo tempo que entregava as fornadas de milho que o seu marido António transformava nas azenhas do Cávado. Ao lado de Rosa, ia crescendo a sua neta Júlia, que aos 10 anos já modelava bonecos e pouco depois assumia de corpo inteiro esse trabalho. Rapariga sem papas na língua, aos 20 anos de idade já declarava ao repórter Batista Bastos que era preciso que os jornais falassem dela porque um dia seria uma grande barrista.

Por essa altura, já Rosa assinava as sua peças com os dois *RRs* que a imortalizariam, mesmo que não soubesse soletrar uma única letra. Muitas dessas peças saíam do velho telheiro de Galegos feitas pelas mãos da neta Júlia, que até casar sempre contribuiu para o sustento familiar.

As duas barristas conviveram na arte e na vida: cúmplices e guerreiras! E enquanto Rosa ia sendo consagrada e idolatrada, Júlia ia fazendo pela vida para criar os seus seis filhos, impondo o valor do seu artesanato pela singularidade e criatividade das peças que modelava.

Depois de enviuar, solta amarras da casa da Gandarinha e começa a participar em Feiras e Mostras de Artesanato. O reconhecimento da sua obra é generalizado. Júlia mostrava-se uma digna sucessora do nome de Rosa, mais ainda porque soubera e quisera honrar o nome da avó e os pergaminhos da sua arte, calcorreando caminhos criativos diversos e singulares.

Dos seus 6 filhos (todos eles brincaram com o barro) houve dois - António e Teresa – que seguiram o apelo do barro. Estava consumada a transmissão de geração em geração que vai colando a identidade sociológica da região barrista de Barcelos. António e Teresa partilham memórias da bisavó Rosa e vivências da mãe Júlia. António nem sempre se dedicou ao barro. Todavia, nos últimos 20 anos assumiu a profissão a tempo inteiro e, dando aso à imaginação, ganhou nome e espaço entre as novas gerações de barristas.

Teresa, a filha mais nova de Júlia, é um caso diferente. Seguiu estudos e licenciou-se em Ensino, sendo professora de Inglês e Alemão. No entanto, a herança de vida e de sangue faz-lhe correr nas veias o amor pelo barro, pelo que, nos tempos livres, se dedica à paixão de moldar peças do seu imaginário, através de recriações do mundo real e do fantástico.

2016. Quase 130 anos separam o nascimento de Rosa Ramalho da realização desta exposição em nome do legado da família. É uma Mostra que atravessa dois séculos; uma seleção das peças mais representativas e significativas de cada um dos protagonistas, numa tentativa de percebermos a evolução da Arte do Figurado dos *Ramalhos* na multiplicidade das suas interpretações.

É com o maior gosto que o Museu de Olaria o convoca para este desafio e esta viagem pelo tempo!

ROSA RAMALHO, A MULHER QUE DEU VIDA AO BARRO

“... Figura franzina, sempre de escuro vestida, lembrando uma viuvez de muitos anos, iletrada, de uma inteligência e sensibilidades fulgurantes, de linguagem brejeira mas comedida, olhos vivos e penetrantes que, só por si falavam, temente a Deus que, na sua pobre oficina de Galegos S. Martinho, mais lembrando um presépio, projectou o nome de Barcelos e de Portugal pelas quatro partidas do Mundo. Rosa Ramalho foi rica de tudo... pobre só no dinheiro...”

(2)

Rosa Ramalho nasceu em 14 de Agosto de 1888, na freguesia de Galegos S. Martinho, no concelho de Barcelos. *Ramalho* ou *Ramalha*, como também lhe chamaram durante anos, foi alcunha herdada do seu pai, mas a barrista chamava-se Rosa Barbosa Lopes, nome oficial que só viria a conhecer quando já tinha 82 anos e foi tirar o Bilhete de Identidade ao Registo Civil.

Rosa iniciou-se bem cedo nas artes de lidar o barro, aí pelos 6,7 anos de idade, em casa de uma vizinha, já que a sua mãe era tecedeira e o pai sapateiro. Consta (não se sabe se faz parte da criação lendária) que a menina nem teria

muito jeito para os bonecos: “diziam os pais e vizinhos que ela não ia encarrear na arte”, mas a jovem não desistiu do sonho e continuou a fazer os bonecos que lhe dava gosto modelar. (3)

Casada em 1906, viria a ter teve 7 filhos e a todos criou ajudando o marido António Mota, moleiro de profissão, na distribuição das fornadas, ao mesmo tempo que fazia figurado sortido no coberto da modestíssima casa de São Martinho de Galegos.

Até que um dia, na Feira de S. João das Fontainhas, no Porto, um contacto fortuito com o professor António Quadros mudaria radicalmente a popularidade da *Ti Rosa* e dos seus bonecos. Estava-se em meados da década de 50. O marido tinha morrido em junho de 1956 e Rosa começa a receber a visita, na Feira de Barcelos e em sua casa de S. Martinho, de comitivas de estudantes de Belas Artes, atraídos pela motivação do seu mestre e pela peculiaridade da sua obra.

Por essa altura, instada a fazê-lo, começa a assinar as suas peças com o famoso *RR*. Para o efeito, alguém lhe trás do Porto um carimbo em metal, mas o mesmo monstrou-se ineficaz, ficando pejado de barro, cada vez que era usado. O seu filho, pai de Júlia, resolve o problema e faz um molde em gesso. A partir daí, as peças que saem da oficina de Rosa levam todas a assinatura da barrista.

O curioso é que sendo Rosa já bastante conhecida fora da sua terra, nem por isso dentro de portas tinha qualquer notoriedade. “Ainda há dias, e no Porto, no Alvarez, estavam expostas bastantes peças de uma, para mim desconhecida oleira, Ramalho, e quase tudo vendido!”, exclamava Augusto Soucasaux, em 1960. (4)

Conhecida e famosa, a sua arte começa a ser requisitada, cobiçada, idolatrada. A fama da artesã rapidamente atingiu tal dimensão que é consensual dizer-se que no figurado de Barcelos há um antes e um pós Rosa Ramalho: o figurado sortido, arte menor, dá lugar ao figurado de autor com assinatura reconhecida. A presença da sua obra multiplica-se por Mostras e Exposições. Chega aos quatro cantos de Portugal e a todos os caminhos do Mundo.

O Estado Novo “apropria-se” do seu nome, da sua imagem e apresenta Rosa como o modelo da mulher portuguesa. Mas a arte de Rosa não se deixa arregimentar. É condecorada em 1968 com a medalha *As Artes da Nação* e mais tarde, em 1980, já em pleno regime democrático, recebe, a título póstumo, o grau de *Dama da Ordem de Sant Iago da Espada*, conferido pelo Presidente da República Raulo Eanes.

Em Barcelos, deu nome à Escola Secundária EB 2 e 3 de Barcelinhos e aguarda-se que na velha casa da Cova, onde viveu e trabalhou com a sua família, nasça a sua Casa Museu.

Rosa Ramalho faleceu em Setembro de 1977, contava 89 anos. Foi um adeus sem despedida: na hora do seu desaparecimento um título do *Diário de Notícias* assegurava: morreu “uma figura que ficará lendária na memória do nosso povo”. (5)

JÚLIA RAMALHO, A BARRISTA DA COR DE MEL

Maria Júlia Oliveira Mota Esteves. Dito assim, o nome passaria despercebido ao comum dos mortais. Mas se em vez disso dissermos Júlia Ramalho, logo se perceberá quem é a dona do nome e a carga simbólica que o apelido carrega. Ramalho é herança da avó paterna, a Rosa dos dois RRs, que lhe legou também a veia criadora de trabalhar o barro. Tanto, que disso fez o modo de vida com que criou os filhos e a fez ser reconhecida como barrista de enorme criatividade.

Júlia Ramalho nasceu em Galegos São Martinho, no lugar da Cova, no dia 3 de Maio de 1946. Nesse ano, a sua mãe não pode ir à Festa das Cruzes; a rapariga logo se havia de lembrar de nascer durante a primeira grande romaria minhota. É filha de Rosa Oliveira Maia, natural da freguesia de Oliveira, e de José Gonçalves da Mota, nascido em Galegos São Martinho, ambas as freguesias do concelho de Barcelos.

Júlia nasceu na casa da avó Rosa, onde viviam os seus pais e mais uma catruzada de gente. Ao fazer 7 anos foi à escola, mais por vontade própria do que por imposição dos pais. Conclui a terceira classe mas passados dois anos regressa ao ensino para fazer a quarta. Pelo meio, dos 7 aos 10 anos, já ajudava no trabalho do barro. Na oficina oleira da família Ramalho fazia-se um pouco de tudo. E Júlia recorda-se de ver a avó modelar “figurado sortido com assobio, um figurado muito bonito, todo feito à mão”. Entretanto, Rosa Ramalho ganhara fama e as encomendas iam chegando de todo o lado. Júlia acompanha a velha barrista às feiras do Porto e de Matosinhos, e faz peças para a matriarca da família. Conhece os intelectuais das Belas Artes do Porto e ganha mundo. Um dia, quando um grupo de estudantes visita a oficina da família, Júlia pega num bocadinho de barro e faz uma pequena figura. António Quadros olhou para a peça e perguntou-lhe quanto queria por ela. Pediu-lhe 5 coroas. “Deu-me 5 escudos.” (5) É, entretanto, muito rapidamente se faz moça e mulher. Casa em 1967 e enviuvou em 1980, passando a ter de susten-

tar sozinha os seus seis filhos. Trabalhos redobrados que muitas vezes perduravam toda a noite. Os clientes iam a Galegos fazer as encomendas mas a barrista passa também a frequentar certames de artesanato. A primeira Mostra que faz é a das Caldas da Rainha, em 1980, a convite do Município local. A Feira das Caldas da Rainha corre “muito bem” e seguem-se dezenas de outras que dão a Júlia a possibilidade de ganhar nome na praça.

Mais tarde, em novembro de 1983, novo infortúnio. Um acidente de automóvel ceifa a vida da sua filha de 13 anos e atira a artesã para a cama do hospital. Por ironia do destino, é nesse mesmo período que a barrista é galardoada com o “Prémio Artesão do Ano”, no III Salão Nacional de Artesanato, no Casino do Estoril. Restabelecida, a artesã volta às lides. E recomeça a labuta, enquanto o seu nome e a sua obra ganham mais notoriedade.

É “Prémio de Criatividade”, no Casino Estoril, em 1985. Participa na Europália, na Bélgica, em 1991, e numa Mostra de Artesanato, em Itália, em 1999. Representa Portugal em Bruxelas, em 2004. Passa a ser visitada por pessoas e televisões de diversos países e a fama do seu trabalho corre mundo, desde os Estados Unidos da América ao Japão, país onde, em 2003, é protagonista do documentário, “European Lives”.

Em 2012, surge a consagração na sua terra natal. A barrista é distinguida com o *Prémio Carreira*, atribuído pelo município barcelense, no decorrer da 2ª Gala da 30ª edição da Mostra de Artesanato e Cerâmica e Barcelos.

Dos seus seis filhos, só dois, o António e a Teresa mostram interesse pelo barro e cumprem a sina das famílias barristas da região. Júlia mostra orgulho no trabalho dos filhos e felicidade por ver perpetuada a arte dos Ramalhos. Recordamos que no longínquo ano de 1986, a barrista dizia que nasceu no barro e no barro havia de morrer. (6) Esqueceu-se porém de um pormenor que fará toda a diferença: a sua arte é imortal e a saga da família já tem seguidores. A história continua nos próximos capítulos!

ANTÓNIO RAMALHO

António Manuel da Mota Ferreira nasceu em 1969, em Galegos S. Martinho, Barcelos. Filho de Júlia e bisneto de Rosa, tinha 8 anos quando a sua bisavó morreu, idade suficiente para se recordar da barrista e da ranchada de familiares que faziam o bulício na casa da Cova.

António - inevitavelmente Ramalho - não escolheu o barro como primeira e única ocupação profissional, mas há mais de 20 anos que assina as peças que produz, lado a lado com a mãe Júlia, na oficina da Gandarinha, em Galegos

S. Martinho. Dessas longas jornadas de partilhas de memórias da avó e de convívio com a mãe, resulta o caldo social e cultural em que fervilha a criatividade de António. Incentivado pela família, muito mesmo pela mana Teresa, em 1989 participa num concurso de Artesanato promovido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, no qual obtém uma Menção Honrosa com a peça “Incógnita”.

Mais tarde, na XXV Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos (2007), expôs, pela primeira vez de forma individual. Nesse mesmo ano, participou na Exposição “Novos criadores de artigos religiosos”, promovido pela TUREL / TCR, onde também obteve uma Menção Honrosa.

O barrista manifesta o “gosto de (re)criar”. Quando se sente mais livre, dá asas à imaginação e produz uma nova peça, coisa que lhe sai de dentro “mas sempre com o cunho Ramalho”.

“Acho que ao dar continuidade à arte da minha avó estou a dignificar o nome Ramalho e faço-o com muito orgulho mas também com a responsabilidade que o seu legado exige. A minha avó está sempre presente, seja num pequeno pormenor de uma peça, seja na recriação de uma das suas figuras ou numa lembrança que nos vem à memória”.

TERESA RAMALHO

Tal como o irmão António, a vivência com a bisavó, Rosa, e a mãe, Júlia, desde cedo lhe despertaram o gosto pela arte de moldar o barro. Nascida em 1970, em Galegos S. Martinho (Barcelos), Teresa Maria da Mota Ferreira guarda na memória o tempo a vê-las dar forma ao barro, recriando vivências do mundo real e dando corpo ao universo do fantástico.

Tinha apenas 9 anos quando fez o seu primeiro Presépio, peça que continua a guardar religiosamente no baú dos seus miminhos de criança. Na adolescência, as brincadeiras com o barro ganham nova dimensão, e passa a vender as suas próprias peças. Não se quedou, todavia, pelas bancas da oficina da mãe: sonhou outros horizontes e licenciou-se em Ensino, lecionando Inglês e Alemão.

Casada, a professora continua a sujar as mãos no barro amolecido, (re)construindo o imaginário do figurado barcelense. “Quando estou mais longe do barro, falta um pedaço de mim e só o barro preenche esse vazio”, confidencia.

Juntamente com a mãe participou, em 1999, numa Mostra de Artesanato em Itália. Por cá, um pouco por todo o país, tem marcado presença em diversas exposições coletivas. Em 2004 obteve o 3º Prémio na IV exposição “Natal em Viana do Castelo”.

O seu processo criativo é impulsivo: “às vezes começo a fazer uma peça com uma ideia e depois termino-a de forma totalmente diferente. O barro é que manda e eu nunca me zango com ele”. Teresa faz todas as suas peças com a mesma dedicação: “amadas como filhos, criadas com o mesmo amor” e por isso mesmo “às vezes custa deixá-las partir”.

Orgulhosa de ostentar o nome Ramalho, é humilde na forma e no trato, realçando que a sua avó Rosa deixou muito mais do que um legado material: transmitiu aos netos e bisnetos os segredos das suas mãos e o amor pela arte de criar peças com histórias para contar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *O Real e o Imaginário. Memória e Identidade no Figurado Português*, Catálogo de Exposição, 2014, Museu de Olaria, Barcelos.
2. Vasco de Faria, *Jornal de Barcelos*, 25.01.1990. Amigo pessoal de Rosa Ramalho, o Dr. Vasco de Faria foi figura notável da vida barcelense, sendo presidente da Câmara Municipal de Barcelos (1967-1972); Governador Civil de Viana do Castelo (1972-1974), tendo depois feita carreira na magistratura, onde chegou a Juiz Desembargador e Presidente do Tribunal da Relação do Porto.
3. *Diário de Notícias*, 29.09.1977.
4. Augusto Socasaux, *Jornal de Barcelos*, 4.02.1960. Soucasaux era, entre outros aspectos, um animador cultural da cidade, muito dedicado ao teatro e à fotografia.
5. *Diário de Notícias*, 09.10.1977
6. Jorge Henrique Bastos, *Expresso* de 21.2.2004, visto em <http://www.santosoficios-artesanato.pt/juliamalho.htm>
7. *Primeiro de Janeiro*, 03.05.1986.

Rosa Ramalho





CABRA
Rosa Ramalho
Coleção Museu de Olaria
1965



CABEÇUDO
Rosa Ramalho
Coleção Museu de Olaria
1960



CABEÇUDO
Rosa Ramalho
Coleção Museu de Olaria
1960



GALINHA HOMEM

Rosa Ramalho
Coleção Museu de Olaria
1963



CRISTO

Rosa Ramalho
Coleção Museu de Olaria
1964



MACACO COM CORRENTE

Rosa Ramalho
Coleção Museu de Olaria
1960

Júlia Ramalho





**CASTIÇAL COM STª TERESINHA
E OS SETE PECADOS**

Júlia Ramalho
Coleção particular
2010



CONJUNTO DE DUAS CABRAS

Júlia Ramalho

Coleção Museu de Olaria

1984 | 1998



REI A CAVALO DO BICHO FERROZ
Júlia Ramalho
Coleção Museu de Olaria



CASAMENTO
Júlia Ramalho
Coleção particular
1999



PRESÉPIO DE CABANA
Júlia Ramalho
Coleção particular
1985

António Ramalho





SARRONCO
António Ramalho
Coleção particular
2009



BICHO FERROZ COM TRÊS CABEÇAS
António Ramalho
Coleção particular
2015



PEDAÇOS DA AVÓ
António Ramalho
Coleção particular
2010



PRESEPIO NO CASTELO

António Ramalho
Coleção particular
2007

Teresa Ramalho





BICHO FERROZ COM GUERREIRO
Teresa Ramalho
Coleção particular
2016



DIABO E DIABA
Teresa Ramalho
Coleção particular
2014



GALO CANTOR
Teresa Ramalho
Coleção particular
2016



PRESÉPIO DE CABANA
Teresa Ramalho
Coleção particular
2009



CATÁLOGO

LISTAGEM

LISTAGEM

LISTAGEM

TÍTULO: GERAÇÃO RAMALHO **EXPOSIÇÃO:** DE 09 DE ABRIL A 31 DE DEZEMBRO
DE 2016 ORGANIZAÇÃO: PELOURO DA CULTURA | CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
COORDENAÇÃO E PLANIFICAÇÃO: CLÁUDIA MILHAZES E TERESA RAMALHO
TEXTO: BAPTISTA BASTOS | J. VIANA **FOTOGRAFIA:** RICARDO MACHADO | PEDRO
CUNHA | CARLOS BASTOS **IMPRESSÃO:** ALBERTO COELHO, ARTES GRÁFICAS
ISBN: **DEPÓSITO LEGAL:**



BARCELOS
MUNICÍPIO





BARCELOS
MUNICÍPIO

